



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

## À MARGEM DO CÂNONE: HISTÓRIA E PRODUÇÃO DO MOVIMENTO DOS ESCRITORES INDEPENDENTES DE PERNAMBUCO

Maria Elizabete Sanches<sup>1</sup>

**RESUMO:** Em *Altas literaturas*, Leyla Perrone Moisés nos lembra que no âmbito do catolicismo o cânone adquiriu o sentido de uma "lista de santos reconhecidos pela autoridade papal" que "por extensão passou a significar o conjunto de autores literários reconhecidos como mestres da tradição" (1988, p.61) o que, sem dúvida, norteou os estudos literários no Brasil até bem pouco tempo, logrando ao esquecimento uma rica produção literária ignorada por essa visão colonialista norteadora dos estudos acadêmicos desenvolvidos em nossas universidades. Estudar esta produção, a maneira como se comportavam os poetas nos anos 1980 em relação ao cânone estabelecido, com recorte específico no Movimento dos escritores Independentes de Pernambuco e em sua história é o que se pretende neste trabalho, levando-se em consideração as suas relações com a cultura nordestina e seu programa de ação, datado de 1981, início da chamada "Década perdida" como ficou designada a geração da época pela crítica mais conservadora e tradicionalista.

Palavras- chave: Cânone, História, Movimento Independente, Poesia.

**Abstract:** In her work *Altas Literaturas*, Leyla Perrone Moses reminds us that within Catholicism the word "canon" acquired the meaning of a "list of saints recognized by papal authority" that "by extension came to mean the set of recognized literary authors as masters of tradition" (1988, p.61). This was undoubtedly, the focus of literary studies in Brazil until recently, by critics who ignored a rich literary production because of a colonialist vision of academic studies developed in our universities. In this work we intend to study this neglected literary production in Pernambuco, the way the artists behaved in the 1980s in relation to the canon established; we focus mainly on the Movement of the Independent Writers of Pernambuco and its history taking into account the poets' relationships with the Northeastern culture and its program of action, dated 1981, called "The Lost Decade" as it was designated the generation of that time by the more conservative and traditionalist criticism.

Keywords: Canon - History - Independent Writers Movement - Poetry

---

<sup>1</sup> Acadêmica do mestrado em Letras da UNIR. Professora do Departamento de Letras Vernáculas - Universidade Federal de Rondônia - UNIR - Porto Velho - RO



## I. ORIGEM DO MOVIMENTO

O final dos anos 70 no Brasil é marcado por uma série de fatores políticos e culturais que resultaram na proliferação de grupos e tendências organizadas à margem dos sistemas oficiais de produção cultural de maneira extremamente distintas, mas que encontravam em seu eixo comum, a luta contra a ditadura militar, o centro sobre o qual giravam a arte e a mobilização da sociedade brasileira.

É também um período em que o escritor, em virtude da forte fiscalização e repressão exercida pela máquina estatal sobre órgãos produtores de cultura, procura outros caminhos para elaboração, divulgação e difusão da obra literária em suas diversas formas como maneira de burlar o aparato repressor do estado.

Nesse contexto, advindos de uma postura contestadora em relação ao sistema e propondo um golpe final na tradição modernista, uma geração inteira procura no mimeógrafo e em gráficas clandestinas uma forma alternativa de escapar a esta mesma fiscalização e de manter a arte como bandeira de resistência à cultura do silêncio imposta pelos ditadores.

Esta postura, de se colocar à margem dos sistemas oficiais de produção e difusão da arte e de retomar a individualidade perdida pela proposta modernista caracterizou a chegada dos artistas marginais, que se colocavam à margem do sistema oficial de editoração no país.

É, neste contexto, salvo maior juízo, que se inicia a década seguinte com o fortalecimento das manifestações de rua nas diversas cidades brasileiras em busca da redemocratização da nação, entre elas a "Diretas já", em 1983, e a ruptura de boa parte dos artistas com a postura academicista que imperava no ensino oficial e suas instituições.

Nesse sentido o Movimento dos escritores independentes, intimamente relacionado com esta rebeldia cultural dos anos 80 nos meios acadêmicos, mais precisamente com o I ENEL (ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

LETRAS) realizado em Salvador, no estado da Bahia, em 1980<sup>2</sup>, se organiza como resposta ao conservadorismo que já rondava até mesmo os baluartes da geração mimeógrafo encantados com o convite das grandes editoras para participarem do mercado editorial formal, em que pese o caráter transformador exercido por esses artistas durante os anos 70. Sobre esta institucionalização da geração marginal iniciada na década de 1980, Luiz Carlos Monteiro, em entrevista ao site *interpoética.com.br* afirma que:

A geração 70 nasceu em bases contestatórias e hoje se encontra institucionalizada. A poesia “marginal” de Chacal é distribuída em todo o Brasil através de programas editoriais oficiais que envolvem as escolas públicas. Quando participei do movimento independente assumi posições ideológicas e editoriais radicais, mas tentando manter o diálogo com outros grupos – a Geração 65, os Poetas da Rua do Imperador, a vanguarda local neotropicalista.

Certamente por esse início de institucionalização da geração mimeógrafo os autores ainda rotulados de "artistas novos" optaram por discutir diversas questões sobre a nomenclatura por meio da qual eram rotulados, as relações entre arte e poder e o processo de criação em relação aos sistemas de produção e difusão da obra de arte literária, o que resultou na realização de um novo encontro em Vitória, no estado do Espírito Santo, em 1981.

Este segundo evento contou com a participação de aproximadamente 16 estados da federação e foi nele que os escritores, até aí rotulados de novos" deliberaram pela nomenclatura de “Movimento de Escritores Independentes”, retornando aos seus estados de origem com o fito de promover eventos locais e discutir uma definição para os autores assim designados, visto que o termo independente já fora mencionado por alguns historiadores da literatura em relação a alguns casos isolados de poetas de outros séculos e de outras gerações.

---

<sup>2</sup> Todas as referências foram extraídas do arquivo pessoal do poeta Eduardo Martins e de ESPINHARA, Francisco. *Movimento dos escritores independentes*. Recife: Editora Universitária, 2000.



## II. EVENTOS E ENCONTROS: A CARTA DE PRINCÍPIOS

Pernambuco realizou dois destes eventos na instituição Fundação Casa das crianças de Olinda, celeiro de poetas da cultura popular, cordelistas e emboladores e foi de suas deliberações em âmbito estadual, por meio da “CARTA DE PERNAMBUCO” que os independentes chegaram aos seguintes tópicos de definição no I ENCONTRO NACIONAL DE ESCRITORES INDEPENDENTES, em Fortaleza- Ceará, onde se reuniram, como diz Fátima Ferreira, desde “poetas populares, vanguardistas e anarquistas, até os mais tradicionalistas dos autores” (ESPINHARA, 2000, p.16):

- a. Independência ante a sociedade opressiva e seus valores pré-estabelecidos;
- b. Independência ante o governo, órgãos estatais e empresas editoriais, não aceitando interferências a respeito do conteúdo e da forma de suas criações teóricas ou literárias;
- c. Independência ante pressões vindas do meio intelectual ou político no sentido de impor, padronizar ou restringir temas e formas (livre expressão dos momentos do escritor, que só a sua sensibilidade cabe determinar);
- d. Independência de cada escritor nos seus posicionamentos filosóficos, teóricos, políticos-ideológicos, nas suas opções por correntes e movimentos literários, em tudo que diz respeito à editoração, divulgação e distribuição dos seus livros;
- e. Independência ante todos os modelos culturais alienígenas à cultura brasileira.

## III. OS INDEPENDENTES DE PERNAMBUCO

Como se pode perceber os Independentes não definiram em sua “carta de princípios” nenhum novo cânone de motivação estética, na verdade a ausência de um cânone é o que caracterizava a produção do Movimento. O aspecto anárquico se consolida nas posições politico-filosóficas e, principalmente estéticas, tornando-se uma antecipação do que mais tarde nos diria R. Reis em *O Cânon* sobre este elemento norteador presente



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

em quase todas as literaturas, delimitando a validade da produção artística, em nome de um aparelho do estado, porque neste caso "o discurso da alta cultura tem, o mais das vezes, estado a serviço do poder e do Estado" (1992, p.69) emitindo e conservando a relação entre qualidade de texto artístico e a ideologia das elites intelectuais.

Sobre este aspecto vale lembrar o que Francisco Espinhara deixou registrado em seu livro *Movimento dos escritores independentes de Pernambuco* no que diz respeito às relações entre arte, história e poder:

Dos dicionários mais estranhos, tesouro vocabular de um povo, aos frios compêndios de Ciências, fonte inesgotável de tecnologia, os livros não seriam possíveis sem uma história evidente ou intrínseca. Se dissesse o oposto, que a história seria possível sem os livros, estaria incorrendo em uma inverdade, pois ela, a História, sempre se houve por si só, acontecendo, ainda que para existir precise de "pensantes" que a façam acontecer. Pode parecer uma contradição, mas a história-história, com raríssimas exceções, nunca foi contada e transcrita a contento, foi sempre a opereta dos poderosos, vencedores, manipuladores, exterminadores, daqueles que fizeram "bom uso" dos seus dicionários e de seus compêndios de "ciências", as histórias circundantes foram sufocadas ou negligenciadas a grupos chamados de minorias étnicas ou éticas. (ESPINHARA, 2000, p.11)

Aqui vislumbro uma grande diferença entre os autores dos anos 70 que já se tornavam institucionalizados e sua prática do poema minuto e irônico iniciado em nossa literatura por Oswald de Andrade no início do Modernismo e a proposta anticanônica e politizada dos independentes dos anos 80 que se traduz no documento manifesto intitulado "Carta de princípios" redigida ainda no evento de fortaleza. No pensamento de Espinhara e seus coevos, nota-se a ojeriza às relações de apadrinhamento entre arte, poder e história, quase sempre desfavoráveis às "minorias éticas e étnicas".

Por isto, penso, a "carta de princípios" do movimento é longa e extensa, mas assume, principalmente, um caráter ideológico libertário da arte em relação aos estudos críticos e ao controle estatal. Temos aqui, além de outros fatores, um dos motivos que seguramente levou à crítica a ignorar a produção poética do período, tanto em nível local quanto nacional, com raríssimas exceções locais como veremos mais adiante.



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Em Recife, encontramos juntos desde os poetas populares (repentistas e emboladores) de onde os Independentes herdaram a caracterização de movimento de rua, até um sonetista mais recluso e de gabinete como Cícero Melo, não obstante, como em todo o movimento, apenas uma meia dúzia assumisse as rédeas das atividades desenvolvidas pelo Movimento, entre eles, Francisco Espinhara, Cida Pedrosa, Eduardo Martins, Héctor Pellizzi e Fátima Ferreira, que organizavam e executavam os projetos de realização de eventos abertos, editoração e divulgação da produção da época.

Estes autores formaram o “grupo embrionário do Movimento” aos quais se juntaram, entre muitos outros cujos registros ainda não se conseguiu documentar: Adelmo Vasconcelos, Amara Lúcia, Marcelo Mário Melo, Maria Celeste, Samuca Santos, Geni Vieira, Romana, Caesar Sobreira, Lenilda Andrade, Jorge Lopes, Don Antônio, Luiz Carlos Monteiro, França, Erickson Luna, Azimar Rocha, Raimundo de Moraes, Valmir Jordão, Celso Mesquita, Wilson Freire, Jailson Marroquim, Joaquim Cezário de Mello, Inaldo Cavalcanti, Cícero Melo, Jayme Benvenuto Júnior, Sérgio Lima e Silva, Lara, Pedro do Amaral Costa, Adelmo Vasconcelos, Wadson de Paula, Dôra Gusmão, Juhareiz Correya, Dione Barreto, Claudionor Loyola, Manuzé, Ricardo Antunes, Tales Ribeiro, Josualdo Menezes, Mônica Franco, Avaniilton Aguilar, Sérgio Lima e Silva, Wilson Mota (Miltinho), Jorge Verdi, Marcílio Medeiros, Belmar... que viam na irreverência dos Independentes e em seu poder de mobilização uma nova postura diante da produção literária.

Estes autores vislumbraram nesta nova postura, o renascer das ruas do centro do Recife naquilo que melhor as define: a efusão lírica, já que àquela época, além de ostentarem belos nomes, as ruas eram símbolos da resistência ao odor de urina, dos restos de frutas e da miséria no chão que passou a se confundir com a beleza do Capibaribe e, conseqüentemente, da cidade.

Os primeiros eventos se deram na **Livraria Reler**, com o apoio do professor e “sebeiro sabido” **Pedro Américo de Farias**, um dos poucos simpatizantes às idéias do Movimento em seu início. Aliás, **Flor Pedrosa e Pedro Américo de Farias** acompanharam alguns dos Independentes antes mesmo do movimento se definir enquanto tal, apoiando e fazendo editar no colégio secundarista 2001 o caderno de poesia intitulado



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

**Momento Poético** em que aparecem publicados os primeiros poemas de Eduardo Martins (na época assinando como José Eduardo), Cida Pedrosa, Lydia Barros, Raimundo de Moraes, entre outros.

#### IV. A INDEPENDÊNCIA NO CENTRO DE RECIFE

Foi no centro de Recife que o Movimento iniciou os **recitais de rua** nas pontes, na Praça da Roda (também conhecida como Praça do Sebo) e em frente às Lojas Americanas, na Rua Sete de Setembro, todos os sábados pela manhã, momento em que os poetas tomavam as ruas do centro da cidade e ocupavam os hidrantes fazendo jorrar a poesia por meio de uma dos mais antigos meios de difusão da arte poética, a oralidade.

Por este caminho podemos afirmar que "a nova obra literária é recebida e julgada tanto em seu contraste como o pano de fundo oferecido por outras formas artísticas, quanto contra o pano de fundo da experiência cotidiana da vida" (JAUSS, 1994, p.53) por conta da proximidade que estabelece com seu primeiro crítico, o leitor comum, receptor dessa obra, bem como com o processo diacrônico que se processa nessa relação dentro de um determinado contexto que desconsidera a leitura tradicionalista do texto nos gabinetes da crítica acadêmica.

Este tipo de evento, singular para uma literatura que cada vez mais se encastela em seu reduto elitista, começa a incomodar muita gente chamando a atenção dos mais desavisados e, mesmo a mídia indiferente e mesquinha de Pernambuco não conseguiu mais silenciar: OS INDEPENDENTES CHEGARAM!!! Chegaram e alteraram completamente o cenário literário do bem comportado Recife dos anos oitenta, mas o preço seria alto, muito alto para a geração.

Avaliações precipitadas por parte da "crítica" comprometeram o conhecimento da completa produção literária da época, embora alguns formadores de opinião como César Leal (Caderno Viver-DP), Lucila Nogueira (Geração 65/UFPE), Ângelo Monteiro (Geração 65/UFPE), Marco Camarotti (UFRPE), Paulo Azevedo Chaves (POLIEDRO-DP) e o maior incentivador dos Independentes, o poeta Alberto da Cunha Melo contestassem



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

esta precipitação de muitos antes mesmo da leitura da produção em questão, um preconceito gratuito que os jovens sofreram acompanhado de toda espécie de desconfiança e discriminação sem sentido por parte dos detentores do poder cultural oligárquico do Estado em primeiro plano, e da nação num segundo plano.

Tome-se aqui esta questão na visão do poeta Alberto da Cunha Melo em entrevista no ano de 2000 concedida a 25 intelectuais brasileiros de diferentes gerações, entre eles, Alfredo Bosi, Deonísio Silva, José Nêumanne Pinto, Eduardo Martins e Mário Hélio, publicada posteriormente em 2012 no livro *Cantos de Contar*:

Se fizermos uma linha quádrupla de comunicação poderíamos alinhar Allen Ginsberg, Jack Kerouac, William Burroughs e Gregory Corso (nos EUA); Cacaso, Chacal, Wally Salomão e Ana Cristina César (no Sudeste) e Eduardo Martins, Francisco Espinhara, Cida Pedrosa e Fátima Ferreira (aqui em Pernambuco), na década de 1980. (2012, p.133)

Sabemos que a transcrição acima não faz referência apenas à história ou a um ou outro texto pincelado no tempo e no espaço dos fatos literários, mas, principalmente, à forma de se ler, de se dar e se ter conhecimento da produção literária de um povo como um todo por meio da produção literária dos seus poetas dentro de um determinado recorte no tempo, o que de fato não ocorre, voltando-se à crítica colonialista aos estudos das obras do colonizador em nível internacional e nacional.

Sobre isso, e principalmente no que se refere à crítica literária brasileira do século XX, podemos ainda estabelecer os fatos econômicos, que colocaram em evidência as regiões sul e sudeste do país e as questões culturais, que se desenvolveram em decorrência destes fatores, como elementos determinantes da ausência quase absoluta, nos últimos cinquenta anos, de grandes autores, principalmente poetas, e dos grandes movimentos que se desenvolveram em outras regiões da nação, especialmente no Norte e no Nordeste, onde os grupos Independentes concentraram a maior parte de suas atividades.

Some-se a isto que estes poetas trabalhavam na contramão do cânone ou do estabelecimento deste como verdade absoluta, ou seja, os poetas Independentes ironicamente se auto-intitulavam como "Movimento", mas não possuíam uma plataforma estético-formal que os caracterizassem como tal, muito menos um "guru" ou um



"padrinho" que os lançasse para a grande mídia e os colocasse em relacionamento direto com o grande público, provavelmente nem desejassem isso.

Neste sentido sua história será construída por fatos criados no interior da própria movimentação natural dos autores que dele participaram e estará diretamente vinculada às ruas e às universidades de onde vieram, tendo em vista que surgiram de uma reunião de escritores novos ocorrida durante a Realização do I Encontro Nacional de Estudantes de Letras, em Salvador, na Bahia, em 1980 (ESPINHARA, 2000, p. 13).

Certamente estes fatos contribuíram decisivamente para que o Movimento, após 30 anos, continue esquecido para a crítica literária brasileira, principalmente quando se fala de poesia e especialmente da poesia produzida no Brasil dos anos de 1980.

No Nordeste os Independentes alcançaram, talvez com maior eficiência, o que parecia ser pretensão dos primeiros poetas marginais de 1970, um anonimato quase absoluto, que salvo raríssimas exceções em nossa literatura, só começa a ser quebrado no início do século XXI, quando alguns críticos e poetas de renome nacional começam a citar parte desta produção em seus manuais.

Esse é o caso do professor Afrânio Coutinho que em sua *Enciclopédia de literatura Brasileira* (COUTINHO, 2001, p.1119) inclui o Movimento como verbete e outros autores como Alberto da Cunha Melo, Ângelo Monteiro, César Leal, Aguinaldo Gonçalves, Marcus Accioly, Marco Camarotti, Deonésio Silva, Osvaldo Duarte, Bráulio Tavares, Nagib Jorge Neto e Marco Pólo Guimaraens que em suas reflexões sobre algumas obras de autores desta época atribuem valor positivo à produção literária do Movimento, o que mais uma vez caracteriza a nossa crítica como retardatária cujos espaços em branco são constantes e cujas injustiças, não raro, geram lacunas intransponíveis e danosas.

No entanto, os Independentes, a revelia do reconhecimento crítico, continuaram e invadiram os meios acadêmicos, levaram a produção pernambucana para as universidades e para as escolas. A FAFIRE ( Faculdade de Filosofia do Recife) foi palco de vários eventos dos Independentes, também a UFPE e a UNICAP (Universidade Católica). Os bares, as portas de cinemas e os teatros já não conseguiam mais ignorar a presença dos escritores.



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Eles estavam em todos os cantos e recantos, mas centralizavam, como já o dissemos, na Praça do Sebo, na Rua da Roda, seus lançamentos coletivos e, na Livraria Síntese, na Rua do Riachuelo, com o apoio e a generosidade da livreira Sueli, seus lançamentos individuais, que também ocorriam com menor frequência na livraria Livro 7, de Tarcísio Pereira.

Se a Livro 7 foi essencial para a consolidação da “Geração 65” de poetas pernambucanos e não deixou de ter sua importância para os Independentes, a Síntese, a Praça do Sebo, o Beco da Fome e a frente das Lojas Americanas na Rua Sete de Setembro (cujo gerente fazia jogar sobre os poetas baldes e mais baldes de água com o intuito de parar os eventos literários aos sábados) foram o eixo da Identidade e da cidadania literária dos Escritores Independentes junto com as ruas do centro da cidade.

Aí o Movimento chegou a lançar 29 livros em um só ano, e fez circular mais de 10 jornais nanicos, entre eles o *Americanto*, o *Lítero-Pessimista*, o *Contágil*, o *Mandacaru*, *Cochicho*, o *Lírica*, o *Poética*, o *Cântaro* e o *Poemar*, que se tornaram mais conhecidos em virtude de uma participação mais ativa de seus editores.

Se os jornais e os livros eram importantes para a consolidação dos espaços e da produção artística do Movimento, outras frentes foram organizadas no sentido de abrir trincheiras para a “batalha pelo poema” que os poetas travavam diariamente e que se tornou um dos folhetos lançados em conjunto por Eduardo Martins, Francisco Espinhara e Pedro do Amaral.

Entre estas atividades destacam-se: feiras de livros, varais, exposições de pôsteres-poemas ilustrados, recitais, chuva de poesia, happenings e performances que tomavam conta do centro histórico e revitalizavam não seus esqueletos de concreto, mas a essência transubstanciadora da cidade. Uma real apologia ao que de mais singelo e cristalino representa a cultura recifense: o lirismo.

Uma verdadeira embolia de muita coisa que parecia morta na cultura da região e que ressurgiu com força e magia pelas mãos e pela voz da juventude em espaços gerados com apoio dos que souberam recepcioná-los, entre eles: Sueli, da Síntese, que teve por diversas vezes a frente e adjacências do estabelecimento ocupadas pelos Independentes em



lançamentos, recitais e exposições de poemas, além de outros que foram conquistados de assalto pelo Movimento, como a Rua da Roda.

Neste período, Alberto da Cunha Melo ressalta, em sua coluna, no *Jornal do Commercio*, a importância do trabalho do Movimento no que diz respeito ao resgate da oralidade da nossa poesia. Este nos parece ser um ponto de crucial importância do Movimento, porque o identifica com as práticas dos poetas populares.

Tal traço artístico oriundo da cultura nordestina aparece em virtude das relações de proximidade do Grupo com os poetas cordelistas e emboladores que ocupavam a Fundação Casa das Crianças de Olinda, onde os independentes chegaram a realizar dois encontros em nível regional em 1981 e 1982, respectivamente.

Esta vertente, muito bem representada dentro do grupo por poetas como Wilson Freire e Adelmo Vasconcelos trazia para os recitais o gosto e o sabor da cultura popular ligada ao cordel e a cantoria, embora não fosse marca única do trabalho desses autores.

## V. DISPERSÃO

O Movimento dos Independentes cresceu vertiginosamente, a despeito do preconceito e da ignorância de quem chegava a duvidar de sua existência enquanto Movimento. Incorporou outras artes como a música, a pintura e a charge. Abriu novos leques de interação, mas com a mesma velocidade com que cresceu o Movimento sucumbiu, após a dissolução do grupo embrionário, por volta de 1987, com a saída de Eduardo e Espinhara para Rondônia, Cida para o interior de Pernambuco, Héctor para o Maranhão e o afastamento de Fátima das rodas literárias da época.

Como todo movimento destituído de seu referencial de organização mínima e possuindo muitos adeptos de ocasião, os Independentes viram inúmeros de seus sonhos se atolarem na imensidão dos mangues do Recife e assistiram caroneiros e oportunistas de plantão se vangloriarem de uma pseudo participação no Movimento que muitos viram inicialmente com ironia, mas posteriormente, quando a cidade parecia já ter assimilado sua existência e seus rompantes, obtinham referências positivas dos meios acadêmicos e da



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

mídia, prestando depoimentos como partícipes ou incluindo-se numa história que não lhes pertencia.

Por isso e por muito mais que isso, acreditando que o mundo dá suas voltas e que é necessário retomar o passado em suas águas mansas, resolvemos insistir neste resgate, porque as águas passadas, ao contrário do que muitos pensam, só movem moinhos, intermináveis e ininterruptos, profundos e ágeis como estes ventos que nos sopram os ares da história a renovar e reler esses tempos de “juventude e fé”.



## VI. BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

BRILHANTE, Bráulio. Apresentação. ap. In: ESPINHARA, Francisco. **Sangue ruim**. Recife: Edição independente, 2005.

ESPINHARA, Francisco. **Movimento dos escritores independentes**. Recife: Editora Universitária, 2000.

GONÇALVES, Aguinaldo. A lírica sitiada de Eduardo Martins. (ap). In: MARTINS, Eduardo. **O lado aberto**. Porto Velho: Edufro, 2004.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo, Ática, 1994.

LEAL, César. O somatismo de Eduardo Martins. (ap). In: MARTINS, Eduardo. **Eczema no Lírico**. Recife: Edição independente, 1985.

\_\_\_\_\_. O poeta Eduardo Martins. (ap). In: MARTINS, Eduardo. **Procissão da palavra**. Recife: Edição Independente, 1986.

MARTINS, Eduardo. A poesia que se vê (ap.). In: PEDROSA, Cida. **Gume**. Recife: Edição independente, 2005.

MOISÉS, Leyla Perrone. **Altas literaturas**. São Paulo, 1988.

MONTEIRO, Luiz Carlos. **Entrevista**. In: Interpoética.com.br, acessado em 01 de março de 2014.

MELO, Alberto da Cunha. **Cantos de contar**. Recife: Editora Paés, 2012.

NETO, Nagib Jorge. **A Literatura em Pernambuco**. Recife: Editora Comunigraf, 2009.

COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante de. **Enciclopédia de literatura brasileira**. São Paulo: Global Editora, 2001, (vol.II).



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

JAUSS, Robert Hans. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. S. tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOBIM, José Luis (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

REIS, Roberto. Cânon. In. JOBIM, José Luis. **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.